

RESENHA DO LIVRO *RETROTOPIA* DE ZYGMUNT BAUMAN

Iván Gregorio Silva Miguel¹

Resumo: A seguinte resenha apresenta o livro *Retrotopia* de Zygmunt Bauman (2017). O texto começa com uma breve introdução que apresenta o autor, para depois seguir com um percurso pelos diferentes capítulos que a obra possui. O livro está organizado mediante uma introdução onde o sociólogo/filósofo coloca o leitor em contexto, seguida de quatro capítulos nos quais se desenvolvem as questões principais que a obra pretende tratar, para finalizar com um epílogo onde Bauman expõe suas considerações finais. O pensador se propõe analisar os fracassos de algumas utopias da humanidade com o objetivo de problematizar a contemporaneidade da nossa sociedade ocidental, e, por fim, propor algumas alternativas que, mediante a abertura de brechas, nos auxiliem na produção de experiências sociais que favoreçam a coletividade e a resistência.

Palavras-chave: Sociedade; Neoliberalismo; Resistência.

CRITICAL REVIEW OF THE BOOK *RETROTOPIA* BY ZYGMUNT BAUMAN

Abstract: The following critical review presents the book *Retrotopia* by Zygmunt Bauman (2017). The text begins with a brief opening which introduce the author, and then continues with a journey through the different chapters that the work has. The book is organized through an introduction where the sociologist/philosopher puts the reader in context, followed by four chapters in which the main questions that the author intends to address are developed, to end with an epilogue where Bauman presents his final considerations. The thinker proposes to analyze the failures of some of humanity's utopias in order to problematize the contemporary nature of our Western society, and, finally, he proposes some alternatives that, through the opening of gaps, help us in the production of social experiences that favor the community and the resistance.

Keywords: Society; Neoliberalism; Resistance.

BAUMAN, Z. *Retrotopia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

A obra póstuma de Zygmunt Bauman, publicada pela editora Zahar no ano de 2017, apresenta-se como um último depoimento da genialidade do sociólogo/filósofo e da sua capacidade de análise da sociedade ocidental contemporânea. Bauman teve uma produção prolífica e conhecer seu pensamento aparece como fundamental para qualquer um que pretenda compreender nossa sociedade globalizada, conectada e líquida. Nascido na Polônia, em 1925, exilado na União Soviética durante a segunda guerra mundial e depois em Israel,



2020, Miguel. Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.

finalmente migra para a Inglaterra onde trabalharia como professor e desenvolveria a maior parte da sua carreira como escritor. Bauman, com cinquenta e sete livros publicados é considerado um dos pensadores mais importantes do século XX e começo do XXI.

Em *Retrotopia* (2017), ele opta por uma estrutura de introdução e epílogo, desenvolvendo entre elas quatro grandes capítulos que compõem o cerne da sua argumentação. Por sua vez, ele nomeia cada seção de maneira que funcione como uma espécie de pista para o leitor, quem é guiado, através desses subtítulos, para a compreensão do título do livro. Esse último surge, segundo as palavras do próprio autor, do sentimento de fracasso das utopias da humanidade, da negação da possibilidade da construção de um mundo paradisíaco onde todos coubéssemos (BAUMAN, 2017). Desde esse lugar onde nos encontramos são produzidas as “[...] retrotopias”: visões instaladas num passado perdido/roubado/abandonado, mas que não morreu” (BAUMAN, 2017, p. 10), e, por conseguinte, apresentam-se como possíveis direções a seguir no nosso desejo de construir um futuro que ofereça menos desigualdade. Dessa forma, o sociólogo estabelece uma dinâmica de ida e volta no seu texto, que examina diferentes tentativas de retorno a “mundos ideais”, e partindo delas estabelece análises ontológicas da atualidade da nossa sociedade.

Assim, o livro começa com uma introdução intitulada *A era da nostalgia*, onde Bauman nos convida a compreender qual será o argumento central da obra, partindo da premissa de que temos a tendência de idealizar o passado, e, conseqüentemente, sentimos nostalgia daquilo que nem sequer vivemos, mas percebemos como provocador de uma sensação de perda. Segundo ele, a modificação da história por meio do discurso, a precarização das condições socioeconômicas, a desestabilização e a conseqüente ineficácia do Estado de bem estar, pareceria ter gerado uma organização social onde para o indivíduo “O objetivo já não era mais uma *sociedade* melhor (pois, para todo fim prático, melhorá-la não fazia sentido), porém melhorar a sua própria posição individual dentro dessa sociedade básica e definitivamente incorrigível” (BAUMAN, 2017, p. 17).

Partindo desse começo aparentemente tão negativo e escuro, o texto inicia um percurso por diferentes intenções de retorno para passados/futuros melhores/melhoráveis, onde no primeiro capítulo, intitulado *De volta a Hobbes?* somos convidados a refletir sobre se o *Leviatã* conseguiu completar sua missão, ou se, pelo contrário, mostrou-se como um ensaio que não cumpriu com as expectativas e se diluiu entre intenções e propostas truncadas. Nesse sentido, observamos uma análise sobre o papel do Estado atuando dentro do sistema neoliberal contemporâneo e sobre como o primeiro sofre um paulatino debilitamento na sua suposta função de garantidor das condições básicas de segurança para a humanidade. A

filialização, a desterritorialização do poder, o consumo exacerbado de bens e serviços, o aumento da velocidade com que os fatos se dão, a precariedade e outros fatores, são analisados por Bauman com o objetivo de mostrar que se não estivermos no mundo de Hobbes, nos encontramos, no mínimo, andando em direção a ele (BAUMAN, 2017).

Dessa maneira, ingressamos ao segundo capítulo, *De volta às tribos*, no qual o pensador parte da premissa de um mundo que parece encaminhado para uma série de guerras de todos contra todos, e onde, portanto, pareceria que a opção fosse uma organização similar à tribal. Porém, esses bandos em disputa não parecem se unir para tentar cooptar outros, senão que cada membro, sabendo-se pertencente a sua tribo, fala consigo mesmo, isolando-se, afirmando sua identificação com determinado lado e rejeitando de antemão aquilo que os que supostamente pertencem ao outro lado estiverem falando (BAUMAN, 2017). Isso gera sucessivas segmentações no tecido social, o qual novamente se divide entre nós e eles, conhecidos e estranhos, os quais pelo desconhecimento, ou melhor, pelo não reconhecimento, enxergam ao diferente como uma ameaça. O autor analisa essa tendência como sendo o nível mais profundo de fragmentação, que promove o caminho do isolamento, e com essa análise, nos encaminha para o seguinte capítulo.

Em *De volta à desigualdade*, Bauman começa mostrando como as tentativas não só de erradicação da pobreza, senão também as de diminuição da brecha entre os ricos e os pobres, parecem ter fracassado. Exposto mediante os chocantes exemplos de desigualdade que enxergamos na contemporaneidade, o projeto de um mundo mais justo e solidário parece, segundo o pensador, não ter chegado a concretizar-se. Imediatamente, ele se dedica a analisar como essas iniciativas tiveram seus objetivos mutilados por diferentes fatores e interesses. Uma das ideias sobre as quais ele disserta é a da renda básica universal, cujo princípio fundamental é que o Estado deveria fornecer a cada cidadão um ingresso em dinheiro que proporcionasse a possibilidade de ter uma condição socioeconômica que lhe permita a cada um desenvolver-se como um membro pleno da sociedade (BAUMAN, 2017). Ainda conforme o autor, a renda básica poderia funcionar como um mecanismo de justiça social que tivesse maiores chances de sucesso do que as políticas implementadas até o momento, as quais não parecem ter cumprido suas metas iniciais.

No último capítulo, *De volta ao útero*, Bauman estabelece o que seria o nível mais afinado da análise contido no seu livro, o qual acontece a partir das condições de possibilidade estipuladas nos três capítulos anteriores. Perante a impotência do *Leviatã*, perante a constante ameaça que os “outros” representam e perante a falta de expectativas de uma real diminuição da desigualdade, os indivíduos parecem se encontrar em situações de

instabilidade, que lhes provocam temor e desassossego. Assim, o sistema procura possíveis soluções que ofereçam *zonas de conforto*, as quais, embora possuidoras de caducidade, aliciam a produção e o consumo na sociedade. Nesse sentido, o fomento da individualidade e da concorrência, em detrimento da solidariedade e das ações coletivas, fortalecem uma cultura do empreendimento individual e da responsabilidade unipessoal.

O epílogo com que o autor encerra o livro procura encontrar alguma brecha perante o que pareceria uma situação extremamente complexa e angustiante. Com o título *Olhando adiante, para variar*, somos convidados a refletir sobre a produção de alternativas que possam funcionar como micro resistências. Bauman desafia ao leitor a se abrir à possibilidade de produzir movimentos que possam contribuir com uma convivência mais coletiva e solidária da nossa sociedade.

Zygmunt Bauman nos deixa assim a última obra da sua prolífera produção. Onde realiza uma leitura da contemporaneidade, na qual nos conduz para o presente através de retornos figurados ao passado, que funcionando como ensaios genealógicos da nossa sociedade, nos auxiliam na reflexão sobre as práticas cotidianas próprias e dos outros. Sem sombra de dúvida, *Retrotopia*, apresenta-se como uma leitura interessantíssima não só para aqueles e aquelas que se interessem pela obra do pensador, assim como também para quem esteja à procura de visões que possam servir como coadjuvantes num melhor entendimento das nuances que caracterizam nossa sociedade líquida contemporânea.

Referências

BAUMAN, Z. *Retrotopia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

¹ Professor Adjunto do Curso de Educação Física do Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), bolsista CAPES-DS (2018); Mestre em Educação pelo PPGE - UFSM (2014), bolsista OEA-GCUB; Licenciado em Educação Física pelo Instituto Superior de Educação Física da Universidade da República (ISEF-UDELAR - Uruguai) (2002). E-mail ivansilvamiguel@gmail.com. Rio grande. Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1360-7528> LATTES: <http://lattes.cnpq.br/8840654788574619>